

O maracatu nas aulas de Educação Física: Exu, macumba e outras significações, o sangue de Jesus tem poder!

Marcos Ribeiro das Neves

CIEJA Campo Limpo

No início do ano, os profissionais da escola se reuniram para pensar o tema do projeto que perpassaria todos os componentes. Ficou definido que as duas primeiras semanas seriam destinadas a realizar essa tarefa.

Nesse período acompanhei uma professora regente de classe que havia acabado de ingressar na escola e, em parceria, realizamos um mapeamento com a turma de jovens e adultos que se encontra na última etapa da alfabetização. Para realizar esse trabalho, a escola toda partiu de duas questões principais: O que queremos aprender? E como podemos pensar juntos esse caminho?

Durante o processo de construção coletiva, os estudantes pontuaram que queriam entender um pouco mais sobre as culturas periféricas e suas características. Aos poucos, nesse movimento, eu ficava pensando como a Educação Física poderia contribuir com o projeto da turma.

Mapeamos diferentes informações para levar em conta na definição de um tema. Consideramos a origem das pessoas e das suas famílias. Naquela turma, grande parte dos estudantes vieram ou têm suas raízes na região nordeste do país, o que de fato influenciou nas nossas escolhas. Aos poucos, os educandos entenderam que, naquela escola, o diálogo, a voz e a escuta seriam muito importantes para definirmos o caminho a ser traçado. Durante a conversa, uma senhora nos procurou e disse que na família dela existiam brincantes de maracatu, antes de terminarmos a conversa, ela nos mostrou duas fotos em que aparece seu pai brincando de maracatu rural. Na comunidade onde reside, ele é caboclo de lança.

Nesse movimento de escolha, a turma ficou sensível ao desejo de estudar as culturas periféricas e para dialogar com o projeto escolhi tematizar o maracatu. Além das mencionadas, pesaram outras percepções. Após conversar com minha colega a respeito da decisão tomada, muitos estudantes fizeram cara feia e murmuraram diante dessa possibilidade, para alguns deles, em função de suas crenças religiosas, seria uma péssima opção estudar coisas do demônio.

Estava posto mais um desafio. Enquanto professor, não tinha conhecimento nenhum sobre aquela manifestação. Por sua vez, a professora já havia tido contato com alguns brincantes em um curso que frequentou.

A escolha por uma manifestação desconhecida propiciou momentos de aprendizado junto aos estudantes e à professora da turma. Viver essa condição levou-me à busca de fontes para começar a pensar no projeto e ter condições de tematizar a prática no interior do currículo.

Sensível às minhas condições de nada saber sobre o maracatu, pesquisei na internet e descobri que naquela mesma semana um curso seria proferido por um grupo chamado Bloco de Pedra. Esse grupo de maracatu tem suas raízes em uma escola pública da Zona Oeste de São Paulo e, aos sábados, os participantes se encontram para ensaiar. Para disseminar essa manifestação, realizam apresentações e todo ano oferecem o curso “Introdução à história do maracatu”. O curso é composto de cinco encontros onde alternam a teoria e vivências.

A fim de produzir uma etnografia do maracatu, vinha buscando informações como essas. Quando transpostas para o ensino da Educação Física, as técnicas empregadas pela etnografia (observação participante, entrevista e análise de documentos) se constituem em ferramentas imprescindíveis para mergulhar durante um determinado período de tempo no tema e, nesse processo, aprender com os representantes da prática corporal, a fim de cruzá-los como aqueles obtidos em outras fontes. Em paralelo, realizava o curso e lia as obras recomendadas.

Dando início à tematização, organizei um mapeamento através de uma apresentação em Power Point com algumas imagens de brincantes do maracatu. Antes de mostrar o material, pedi à turma que observassem as fotos.



Após a leitura das imagens, assistiram a um vídeo sobre brincantes de maracatu rural e desafiei-os com as seguintes questões: o que vocês pensam ao ver essas imagens? O que é isso para vocês? O que vocês sabem sobre isso? Conhecem alguém que brinca maracatu? Existe essa prática no seu bairro?

Aos poucos, os estudantes se encorajaram. O uso do termo é proposital porque na trajetória escolar não é muito comum o exercício de fala para exteriorizar aquilo que se está pensando. Essa seria uma ótima possibilidade para exercitar o dissenso, o debate e a discordância, mas é um processo lento e gradativo, mas mesmo assim, necessário.

Dos poucos estudantes que tiveram a vontade de falar, um deles disse que para ele maracatu era coisa do demônio. Durante a conversa, outros olhavam para baixo e ficavam em silêncio, alguns murmuravam expressões como: “o sangue de Jesus tem poder!” e “eu não vou estudar essas coisas do demônio não!”

Para a aula seguinte, preparei outro vídeo de maracatu rural e convidei-os a elaborarem questões que remetessem a uma pesquisa sobre o tema. Registre na lousa as perguntas dos estudantes: por que eles colocam uma flor na boca? Que mês ou ano eles brincam maracatu? Qual o significado da palavra maracatu? Como eles se organizam? Qual é a relação que eles têm com a religião? Por que maracatu é uma nação?

Nos dirigimos à sala de informática em busca das respostas. Percebi que nessa atividade os estudantes acessaram significações sobre o maracatu que os deixaram incomodados. Dilma, uma das estudantes, bateu o teclado do computador e demonstrou muita irritação. Ao conversar com a educanda e tentar entender o que aconteceu, ela me falou que leu no site que acessou que no maracatu tem influências do candomblé, é coisa de Exu e por conta disso não ia pesquisar mais nada. O Paulo também reagiu dizendo que era evangélico e esse trabalho estava ficando pesado.

Nessa altura já dispunha de várias informações sobre o assunto. Tanto o curso como a etnografia realizada me davam condições de problematizar aquelas representações. Havia me aproximado de alguns brincantes e buscava com eles responder às perguntas que emergiram na sala de aula, tal como aquela sobre a rosa branca na boca. Um dos brincantes explicou que no maracatu rural eles fazem isso para representar as baianas que acompanhavam o cortejo, também esclareceu a diferença entre nação e grupo, e a interface da prática com as religiões de matriz africana (jurema, xangô e candomblé) e a religião católica por conta das influências dos colonizadores europeus.

A imersão no grupo de maracatu propiciou-me a leitura do cortejo e dos seus códigos e deu-me condições para discutir com os estudantes o contexto de emergência e criação daquela

prática corporal. A etnografia se configura como uma ferramenta importante para ajudar na tematização das manifestações distantes do conhecimento do professor.

A análise de tudo o que aconteceu até aquele momento permitiu-me tecer o plano de ensino em forma de mapa conceitual. As elipses menores representam as atividades de ensino que proporcionarão a abordagem do tema.



Seguindo na artistagem das ações didáticas, pensei que antes de propor a vivência deveríamos aprofundar os conhecimentos e exercitar a desconstrução. Naquele momento julguei importante os alunos entenderem o processo de construção das representações sobre a população negra e o porquê de pensarem daquela maneira sobre o maracatu. O processo de desnaturalização é importante para os estudantes perceberem que ninguém nasce em certas condições.

Além das narrativas acessadas durante o curso, busquei a ajuda da minha companheira Bruna, que é historiadora e também atua na Rede Municipal. Organizamos o encontro

debatendo a chegada dos negros ao Brasil na condição de mercadorias. Preparei alguns slides com imagens do continente africano e pinturas da chamada missão francesa, que representam de forma distorcida a chegada dos negros como se chegassem de uma viagem gostosa, sendo bem tratados. Como contraponto, assistiram ao filme *Amistad*¹ que retrata o tráfico marítimo de pessoas escravizadas à força na África.

Para instigar o debate, lancei algumas questões: o que sabem sobre a presença do negro no Brasil? O que sabem sobre a África? É um país ou um continente? Como vocês acham que são as pessoas de lá e como elas vivem? Qual imagem representa melhor a África?

Todos disseram que a África era um país. Os poucos que responderam as outras perguntas disseram que a escravidão foi uma coisa muito ruim, que na África as pessoas vivem na miséria e a imagem que vem à cabeça é de um lugar bem pobre e miserável.

Aos poucos fui trazendo outras informações sobre o continente, destaquei a diversidade de culturas que o habitam utilizando um mapa da divisão política atual, apresentei dados sobre a diversidade étnica e, na sequência, a rota dos navios que trouxeram as pessoas da Guiné, Congo, Angola, Moçambique etc., à força para o Brasil. Também mostrei-lhes uma imagem de como o colonizador representou a vinda dos negros e comparei com outras que relatavam o interior do navio negreiro e a população negra sendo comercializada no Cais do Valongo, no Rio de Janeiro. Li um trecho de uma música e com isso discuti a resistência e a chegada desse grupo que traz na sua cultura traços da luta e da sua história.

Os estudantes ficaram indignados com as imagens e disseram que aquilo era terrível demais. E que não imaginavam tamanha crueldade. Depois de ouvi-los, fiz a leitura de um trecho da música *Negro Mar*, de Ilú Obá De Min, para sensibilizá-los sobre algumas histórias de vida.

De um reino distante eu vim

Nigéria, Congo, Benin

Dentro de um porão escuro atravessei o negro oceano sem fim

Tudo o que eu tinha eu deixei

Em Porto Novo embarquei

Sete voltas na Árvore do Esquecimento eu dei

Mas guardei na alma a minha bagagem

Memórias de força e coragem

¹ *Amistad*. EUA, Steven Spielberg, 1997.

Palavra, oração, ancestrais
Tambores, sabores e cores demais
Uma tal riqueza nunca se viu
Toda essa beleza veio de navio
A África negra foi recriada no Brasil

Ainda pontuei como os negros são significados na sociedade, dando exemplos das diferentes narrativas coloniais que inferiorizam esse grupo: “negro quando não caga na entrada caga na saída”, “amanhã vou trabalhar que é dia de branco”, foram algumas que exteriorizei. Durante a explicação, um dos estudantes frisou que devemos ter cuidado com as piadas e pediu para mostrar um vídeo de uma peça de *stand up* que o comediante alertava sobre o perigo das piadas e das brincadeiras. O colega se levantou, ligou o celular e passou para os demais. Aproveitamos para discutir como isso interfere na maneira de olharmos as pessoas.

Discutimos a respeito da criação do maracatu. Segundo algumas narrativas, a manifestação nasceu da necessidade de resistência e sobrevivência da dominação das pessoas brancas sobre as negras. Trata-se do festejo de coroação dos reis e rainhas vindas do Congo e outras regiões africanas. Naquele instante, colocava à disposição da turma outra significação sobre a prática corporal, nesse caso, o maracatu como uma encenação representando a trajetória de reis e rainhas. Expliquei o que era uma nação, um estandarte, uma toada, calunga e como as pessoas se tornavam mestres de maracatu.

Um dos estudantes pediu a palavra: “professor, na aula passada fomos para a sala de informática e saí da aula achando que maracatu fosse macumba, hoje já entendo que maracatu é história, é cultura de um povo”. Outro retrucou: “para mim, maracatu é a brincadeira de um povo.”

Na aula seguinte, a professora compartilhou seus saberes sobre o tema. Durante o mapeamento a colega havia dito que participara de uma oficina com brincantes de maracatu. Ademais, pedi-lhe que me ajudasse na realização de uma vivência com a manifestação. Segundo ela, a brincadeira insere as pessoas na dança. Para realizá-la, é preciso apreender uma certa gestualidade. Quando a música começou a tocar, a turma ficou em círculo. A professora propôs uma brincadeira que tinha como objetivo que duas pessoas entrassem na roda com um chapéu na cabeça e uma tentasse tirar o chapéu da outra. A forma de evitar que isso acontecesse era atacar e se defender ao mesmo tempo. Outra brincadeira consistiu em encostar a ponta de um cabo de vassoura no pé do oponente.



Apresentei-lhes um vídeo em que uma pessoa dançava três passos diferentes. Pedi que escolhessem um deles e tentassem reproduzi-lo. Importante destacar que o maracatu rural é um cortejo e que a sua dança ainda não foi pedagogizada. Não localizei nenhum vídeo que ensine a dançar maracatu rural. Seus passos representam os movimentos de cortadores de cana que vivem na Zona da Mata de Recife, mas a gestualidade da dança também contém elementos de muitas outras danças, como frevo, forró e até de capoeira, e gestos que podemos dizer que são “livres”.

Na aula seguinte demos início à análise das letras das músicas. Selecionei uma loa (canto) de um grupo chamado Leão Misterioso (Mestre João Paulo). A loa discorria sobre o racismo e a posição de sujeito que as diferentes pedagogias culturais produzem sobre o negro. A escolha deveu-se às questões discutidas nas aulas anteriores. A música desse grupo aborda o preconceito étnico e como isso é produzido até nas novelas quando os negros representam empregados e serviçais domésticos.

Numa data previamente agendada, recebemos integrantes de um grupo de maracatu (Bloco de Pedra). Fabio e Ciça se dispuseram a conversar com os educandos acerca da prática e, mais especificamente, dos instrumentos que compõem a manifestação. Também responderam a algumas questões construídas coletivamente: o que é maracatu? O que significa para eles? E quais as diferenças?



Um dos alunos que havia permanecido um pouco distante expressou-se: “para mim isso é macumba, é isso mesmo?” E Ciça respondeu: olha, pode até ser, mas não estou vendo aqui vela, ninguém aqui está cultuando nada, quando a gente vê uma oferenda na rua que não é macumba, mas muito chamam assim, não tem instrumento. Para mim não tem como ser macumba.”

Fabio entrou na conversa dizendo que maracatu era amor, que tinha um extremo amor porque simbolicamente o aproxima do irmão que havia falecido bem no dia que ele tinha um cortejo para apresentar. Segundo ele, esse irmão era quase que um filho e toda vez que ele tocava sua presença se manifestava e ele se sentia bem.

Aos poucos foi exteriorizando outras significações sobre o maracatu além do amor. Maracatu é resistência porque está atrelado a uma luta de um grupo que veio escravizado para o Brasil. Maracatu é amizade, pois por meio dessa prática teve contato com outras classes sociais e com isso ampliou seu leque de amigos de outros bairros. O brincante: maracatu é coleguismo, é uma palavra que define também o que é isso para mim.

Para Ciça, maracatu é resistência. A experiência propicia felicidade de ter amigos, e que é um momento bem legal de viver aos sábados à tarde, afirmando que maracatu é união entre as pessoas. O maracatu é um momento de compartilhar um com o outro, amor, resistência.

Um dos estudantes perguntou sobre o nome: por que maracatu? Ciça disse que vem de maraca, tem a ver com tambor e ritmo. Tem alguma coisa que lhe faz bem e sente uma alegria por tudo que proporciona, maracatu parece uma paixão.

De onde vem esse tambor? Qual é a origem? Perguntei sobre o instrumento porque é comum associá-lo a rituais africanos. Ciça explicou que na vinda para o Brasil, os europeus traziam alimentos e outros materiais em tomeis de madeira. O tambor do maracatu é de origem

européia, feito desses toneis com pele de animais. Com o passar do tempo, outros materiais foram utilizados como a macaíba (espécie de palmeira). Ciça frisou que no maracatu não existe um instrumento oriundo de um determinado grupo, eles são resultados dos cruzamentos das culturas.



Aproveitando o assunto, lancei outra questão para discutir os marcadores identitários dos grupos e suas diferenciações, pedi para explicarem o porquê das alfaias terem as cordas amarradas com diferentes nós. De fato, o que isso quer dizer?

Fábio pegou uma alfaia, colocou-a no corpo e explicou os símbolos de três nações: Nação de Porto Rico (NPR), Nação Estrela Brilhante de Recife (NEBR) e Nação Estrela Brilhante de Igarassu (NBI). As diferenciações consistem na posição do instrumento, além dos nós e da maneira como as baquetas batem. Na NPR, a alfaia fica bem baixa próxima ao joelho. O instrumento fica distante da cintura porque durante o baque (toque), os movimentos reproduzem as ondas e os pescadores. O ritmo é mais lento e, às vezes, intenso como as ondas do mar. O nó do instrumento é em formato de “rede” e na hora de tocar a baqueta de rebate (uma das mãos fica a baqueta de bate e a outra de rebate) o som é mais baixo.

Na NEBR, a alfaia tem um nó em forma de estrela, o instrumento fica próximo da cintura e o baque é tocado com as duas mãos na mesma intensidade de força. Na NBI, o instrumento fica um pouco mais acima do joelho, o baque é mais rápido e a mão que faz o som mais forte é a que fica com o rebate. Esse toque acaba sendo o contrário daquele empregado pela NPR. Toda essa diferenciação na hora do baque é chamada de sotaque.

A Ciça explicou os demais instrumentos, gonguê, caixa, agbê e mineiro. Aos poucos, ajudou-nos a fazer uma leitura desde suas origens até o sotaque na hora do toque de cada nação.

O gonguê é medieval, ele que define qual baque será tocado na hora do cortejo. É ele que manda na hora do toque. A caixa remonta ao exército. Foi incorporada ao maracatu e, conforme a Nação, é usada em uma parte diferente do corpo. Na NPR, por exemplo, é presa na frente da cintura, enquanto que as outras nações utilizam o instrumento na lateral como usam a alfaia. O agbê é um instrumento feito de cabaça e missangas, nem sempre é usado. Sua origem é atribuída aos povos indígenas e africanos. O mineiro, um instrumento em forma de canudo, possui sementes no seu interior e é predominantemente usado na NBI.



Também mostraram uma saia (chamada de chita) que é utilizada pelo naipe da dança. No maracatu de nação cada parte é chamada de naipe. Explicaram que na nação de maracatu quem apita o cortejo precisa ser uma pessoa reconhecida pelo coletivo, só ela pode apitar. Já num grupo de maracatu outras pessoas podem fazê-lo. Não existe tal exclusividade.

Na primeira aula após o recesso do meio do ano, desenhei um mapa na lousa e retomei o trajeto percorrido, recordando cada atividade que havíamos realizado. Analisamos imagens, criamos questões e fomos na sala de informática em busca de algumas respostas. Ouvimos músicas de maracatu e dentro de nossas possibilidades criamos uns versos a partir de temas como preconceito. Dançamos e brincamos. Construímos um roteiro para entrevistar os brincantes de maracatu e acessamos muitos conhecimentos.

Para inserir os alunos recém-matriculados na escola, desenhei na lousa os instrumentos que compõem os diferentes napes do maracatu nação. Levei à sala um tambor ou bombo chamado no maracatu de alfaia e questionei-os sobre os assuntos que conversáramos com o Fabio e a Ciça. Recordamos que a ancoragem social do maracatu também se faz presente nos

instrumentos e gestos. Na NPR, o baque representa as ondas do mar, a extrema relação que eles têm com Iemanjá.

Aproveitei a ocasião para discutir as diferenças entre que nação e grupo, ou seja, maracatu nação e maracatu rural, pois a distinção não fora abordada durante o encontro com os visitantes e pairavam muitas dúvidas. Para tanto, promovi a leitura e análise de um vídeo representativo de cada manifestação. À medida em que identificam diferenças e semelhanças, as informações eram registradas na lousa. O resultado foi transcrito abaixo.

Maracatu rural	Pontos em comum	Maracatu nação
Interior do Recife	Estandarte	Mais urbano
Caboclo de lança	Gonguê	Alfaia, Agbê
Cada um cria a sua roupa	Mestre	Todo mundo usa a mesma
Rima e versos feitos na hora	Recife	roupa
Improviso		Música criada antes
Dança tem elementos do frevo, xaxado, capoeira e samba de roda		Ensaaios
		Passos da dança com movimentos dos soldados

Um dos estudantes que ingressaram naquela semana conhecia a manifestação. “Professor, quando eu era pequeno a gente via lá no canavial o pessoal com essas roupas e a gente saía correndo de medo. É o caboclo de lança! Tem bastante disso por lá, eles pegam uns pedaços de cana e ficam brincando e ensaiando. Bem legal professor, a gente precisa sair lá do Recife para ver isso aqui em São Paulo, muito louco!”

Na aula seguinte vivenciamos o maracatu nação e manuseamos a alfaia. O objetivo era reproduzir o modo como um grupo de maracatu nação aprende a brincar. Para tanto, inspirei-me no grupo onde fiz a etnografi, já que os estudantes sabiam que para trazer os conhecimentos do maracatu para a escola eu precisara ir a um local onde se brinca e lá aprender.

Durante a vivência pontuei que no maracatu rural as pessoas aprendem no cotidiano a gestualidade característica da Zona da Mata. Recordando a informação fornecida por um dos estudantes, expliquei que os cortadores de cana de açúcar reproduzem os movimentos do trabalho diário no cortejo. Diferentemente do maracatu rural, no maracatu nação, os passos

reproduzem a gestualidade dos soldados, por isso observamos nos vídeos gestos parecidos com movimentos de marchar.

Finalizando os trabalhos, em tom de avaliação, pedi que registrassem em uma folha o que aprenderam com a tematização do maracatu. “Aprendemos que maracatu é música, amizade e que tem dois tipos de maracatu.”; “Não aprendi muita coisa porque cheguei hoje, mas foi muito bom porque agora sei que não é religião”; “Eu não sabia, mas maracatu é dança”; “Aprendi os nomes dos instrumentos e as músicas”; “Eu aprendi que é uma cultura diferente”; “Aprendi sobre os instrumentos e sobre a cultura”; “Nós aprendemos os significados das danças culturais e as diferenças dos instrumentos”; “Aprendi que o maracatu é uma dança bem legal para gente mexer com o corpo”; “Eu aprendi com a conversa com a pessoa do maracatu e também a pesquisa no computador o que é maracatu”; “Aprendemos que a diferença entre um maracatu e outro a diversidades dos instrumentos musicais e de onde vieram os povos do maracatu”; “Eu aprendi que é sempre tempo de aprender novas coisas”; “História do lugar”; “Aprendi que maracatu é cultura, que tem a nação Porto Rico”; “Aprendi o nome de alguns instrumentos e achei legal”; “Aprendi que é um tipo de gingado e quero aprender muito mais”; “Que significa o som do maracatu, nação, cultura, uma herança do passado”; “Que é importante para o nosso aprendizado, que é cultura”; “Os instrumentos, a batida, os escravos que foi para a luta, e quando voltaram não tiveram a promessa e foram para favela, mas eram guerreiros e voltaram”.

Disse à turma que também aprendi muito, principalmente pela possibilidade de aproximar-me e participar de um grupo. Percebi que naquele contexto as coisas funcionam de uma certa maneira, e pode ser diferente em outras localidades. Animei-me a partilhar minhas próprias experiências e, em roda, apresentei a marcha e uns passos laterais. Fizemos uma fila e eles repetiram meus gestos. Peguei a alfaia e expliquei que ia tocar um baque chamado Luanda. Vivenciamos a dança no ritmo do instrumento.

Conversando sobre a vivência, surgiu a ideia de escolher o nome do nosso grupo. “Professor, pode ser ‘As Marias’, porque na turma há várias mulheres que se chamam Maria”. Uma colega sugeriu ‘Estandartes’ e outra “Águia”. Mediante eleição o grupo escolheu ‘As Marias’. Repetimos o procedimento para a escolha do tema da loa, que acabou definido como “amor sem preconceito”.

Antes de finalizar o encontro, um dos estudantes se posicionou: “professor, antes da aula eu estava cheio de preconceito e incomodado porque a gente vem para escola para ter aula e eu não estava vendo isso, já que estou ingressando na escola nesta semana, mas, a partir de hoje, vi que não é nada disso e quero te pedir desculpas”.

Agradei suas palavras e destaquei que aprendemos muitas coisas nesse projeto e que eu estava feliz deles se sentirem tranquilos para falar o que quisessem da aula. A turma toda respondeu batendo palmas.

Caminhando para o fechamento dos trabalhos, sugeri a construção coletiva de um cortejo. Nesse processo definimos quem participaria de cada naipe (dança, instrumentos), quem ficou responsável pelo apito (que vai conduzir o cortejo), quem construiria o estandarte, selecionaria as loas (músicas) etc.

Expliquei cada elemento e apresentei exemplos de como poderiam produzir os artefatos. Retomando o modo como foram construídas as gestualidades do maracatu rural e do maracatu nação, sugeri que se inspirassem nos gestos que preenchem o seu cotidiano profissional, de lazer etc. As responsabilidades foram distribuídas conforme a preferência dos educandos.

Estandarte	Loas	Instrumentos	Dança
Vinicius Manuel	Carla	Vinicius Wesley	Manuel Laisla Maria Helena Maria da Paz Severina Lúcia Sebastiana

Nas aulas seguintes os grupos, distribuídos em naipes, exercitaram o processo de criação. Foram agendados vários ensaios coletivos. Além de compor a avaliação final do trabalho, a apresentação do cortejo foi programada para o Seminário Étnico que o CIEJA Campo Limpo organiza todos os anos.